

# Iniciativa Imagine Brasil

## *Síntese do Diálogo com Líderes Sociais*

A iniciativa **Imagine Brasil** tem como objetivo mobilizar lideranças de diferentes segmentos da sociedade, visando contribuir para o Brasil encontrar caminhos para o seu desenvolvimento. Esta etapa do projeto prevê a realização de reflexões e diálogos com especialistas em diferentes áreas.

Após o evento de lançamento do projeto, ocorrido em agosto, já foram realizados quatro Diálogos – sobre Educação, Defesa e Segurança Pública, Meio Ambiente e com Líderes Sociais. Todos contaram com a presença de seletos grupos de lideranças.

Este quarto encontro da série *Aspiração para o Brasil*, realizado em 28 de outubro, contou com a participação de: Flávio Renegado, Priscila França, Leticia Gabriella, Mariana Ferreira dos Santos, Junior Perim, Binho Cultura, Natielly Castro, Joselito Crispim, Renato Meireles, Anna Karla Pereira e René Silva (minibios em anexo).

Essas pessoas foram convidadas a refletir sobre o Brasil e a compartilhar suas visões sobre o contexto histórico de suas áreas e seus anseios e sonhos para o país até 2030. O objetivo dos Diálogos é ampliar a escuta dos brasileiros e buscar possíveis convergências para fazermos a ponte entre aspiração e performance, que é onde o sonho se transforma em realidade.

.....

### **Em destaque**

- Em geral, quando se pensa em políticas públicas no Brasil, os movimentos sociais têm sempre uma posição periférica;
- Estamos vivendo um retrocesso monstruoso no atual governo diante de pautas e situações que já considerávamos como superadas;
- Devemos levar em conta os avanços das práticas tecnológicas, visando reduzir o gigantesco abismo digital ainda existente no Brasil;
- A população precisa ter maior acesso ao universo digital, que deve ser catalisador de políticas públicas em áreas como educação, saúde e cultura. A internet nas favelas vai viabilizar o acesso a livros digitais;
- Precisamos refazeremos uma reconexão da sociedade com o estado, por meio de políticas de inclusão e do respeito à diversidade;
- As experiências realizadas nas comunidades por meio das práticas dos orçamentos participativos (OP) devem ser ampliadas;
- É fundamental garantir o acesso a novas tecnologias como forma de geração de renda e regulamentação de novos modelos de prestação de

serviços;

- Será fundamental garantir a democratização do ensino e do acesso à educação básica, em que a escola seja espaço de transformação – e não uma prisão;
- Temos de repensar o SUS para garantir uma saúde pública de qualidade, acessível e com foco na prevenção;
- Juntamente com a questão racial vem a social, pois, quando se fala em violência contra os mais pobres, sabemos que isso se refere às pessoas pretas;
- Não podemos projetar 2030 sem incluir a diversidade, a questão da desigualdade e o empoderamento da população;
- Uma das grandes aspirações para 2030 será ver o Brasil voltar a sair do mapa da fome da ONU;
- Está na hora de fazer prosperar um país diferente, mais inclusivo, menos racista e menos preconceituoso, no qual haja maior mobilidade social e esperança de que é possível sonhar com um amanhã melhor.

.....  
. A seguir, a síntese das principais contribuições dos participantes.

### **Contexto histórico e aspirações**

- Em geral, quando se pensa em políticas públicas no Brasil, os movimentos sociais têm sempre uma posição periférica e de coadjuvante – nunca como protagonista. Ao recebermos este convite da FDC, que usa seu network e sua expertise de atuação junto ao poder público e à sociedade, avaliamos que isso pode mudar.
- Nesse sentido, acreditamos que se possa, com a iniciativa, unir todas as pontas dos diferentes segmentos da sociedade para, efetivamente, buscarmos alternativas para a reconstrução de uma sociedade que parece muito despedaçada neste momento.
- Temos de pensar nas aspirações para 2030, mas sem perder a perspectiva do que pode ocorrer no país a partir das eleições do ano que vem, para começarmos a enxergar – ou não – as alternativas.
- Estamos passando por um grande freio de arrumação de valores na sociedade brasileira, que tem feito as falsas polêmicas caírem e tem nos

permitido diferenciar a civilização da barbárie.

- Nesse contexto, a pandemia também contribuiu para que as desigualdades se acirrassem ainda mais. Não podemos deixar esse cenário prosseguir da forma como está hoje. Precisamos pensar, também, em um freio de arrumação ética.
- Devemos levar em conta os avanços das práticas tecnológicas, visando reduzir o gigantesco abismo digital ainda existente no Brasil. Ou seja, devemos usar a tecnologia como plataforma de inclusão social, na perspectiva de um maior empoderamento da população mais periférica, especialmente no que se refere aos serviços públicos, incluindo a área da saúde pública, que é um direito de todo cidadão.
- Nesse sentido, os investimentos em tecnologia devem ser vistos como recursos poderosos, capazes de tornar as interações possíveis e de quebrar as barreiras institucionais. Para isso, é preciso capacitar as pessoas e, em especial, os agentes sociais, num momento em que a sociedade, com a pandemia, se viu diante de um boom de empreendedorismo.
- Essa população precisa ter mais acesso ao universo digital da internet, que deve ser catalisador de políticas públicas voltadas para diversas áreas, como educação, por meio de canais online nas escolas públicas; saúde, a partir de aplicativos que facilitem o atendimento ao cidadão; e cultura, via plataformas de streaming, cujo acesso é mais democrático.
- Basta pegarmos essas plataformas de streaming para vermos como novos artistas, especialmente os periféricos, estão surgindo na pandemia. A música, por exemplo, trabalha a questão da economia local e ajuda na geração e distribuição de renda. Para isso, temos de investir nos centros culturais e nos estúdios das comunidades, a fim de estimular a produção desses grupos.
- Outra aspiração essencial para os jovens, na área de cultura, é a garantia de um acesso mais fácil e democrático aos editais das instituições culturais, para que eles possam se inscrever e buscar formas de garantir renda por meio de seus projetos e iniciativas.
- E quando o jovem garante também maior acesso ao ensino de qualidade e, se possível, à universidade, podemos refletir de maneira mais apropriada sobre as questões identitárias.
- Temos de pensar nas formas de fazermos uma reconexão da sociedade com o estado. Nesse sentido, as políticas de inclusão têm de vir atreladas ao respeito à diversidade. Nada disso precisaria ser debatido aqui se o país estivesse no trilho anterior ao deste governo – e em condições

normais de temperatura e pressão.

- As experiências realizadas nas comunidades por meio das práticas do orçamento participativo (OP) devem ser ampliadas, com a valorização das pequenas decisões locais. Ele é, sem dúvida, uma super ferramenta para as comunidades trabalharem e planejarem seus avanços e suas melhorias. Tais práticas garantem que o OP seja de fato uma ferramenta usual, prática e palatável para esses grupos.
- O OP é um caminho importante de controle social dos agentes públicos e de aplicação eficiente das políticas públicas. Novos postos de saúde, por exemplo, podem ser construídos com recursos do OP.
- Torna-se fundamental, nesse contexto de acesso a novas tecnologias, refletirmos também sobre formas de geração de renda e regulamentação de novos modelos de prestação de serviços. Para se ter uma ideia, só no ano passado, mais de um 11 milhões de brasileiros passaram a obter renda por meio de aplicativos, elevando esse volume para 33 milhões de pessoas. Isso sem incluir entregadores, que são cerca de 700 mil no país.
- Nesses 33 milhões de pessoas, incluímos a dona de bar que entrega por Ifood, o jovem que estampa camisetas e vende pelo Mercado Livre etc. Desse total de trabalhadores, dois terços recebem a metade (ou mais) da sua renda por meio de aplicativos e do e-commerce.
- Nesse sentido, não podemos projetar 2030 sem refletir como a diversidade, a questão da desigualdade e o empoderamento da população vão se manifestar no processo decisório – e como a tecnologia será o grande instrumental para tudo isso.
- Temos ainda uma luta árdua pela frente, que passa pela garantia de todos os jovens pretos do país poderem sair para estudar e trabalhar sem medo, sem a incerteza de saberem se vão voltar para casa e se o Estado vai zelar por suas vidas.
- Estamos vivendo um retrocesso monstruoso no atual governo, diante de pautas e situações que já considerávamos como superadas. Na área de cultura, por exemplo, o Estado não buscou, com a pandemia, nenhuma ferramenta para auxiliar a nossa cadeia produtiva, que ficou desassistida e ainda mais marginalizada.
- Nós não podemos nos amontoar para nos confraternizar com nossos iguais, mas podemos nos amontoar nos ônibus e metrô para continuar a enriquecer o patrimônio do homem branco, heteronormativo. Está na hora de começarmos a rever esses conceitos de forma urgente e emergencial.
- Até 2030, é preciso ter internet de qualidade nas comunidades e, em

especial, nas escolas públicas, com aulas online. Isso vai ajudar a superar os atrasos de muitos livros impressos, que não contam a história que nosso povo viveu. Enfim, está na hora de repensar o aprendizado das escolas.

- Não se pode aceitar que um estádio de futebol tenha internet, mas uma escola não tenha. Postar a imagem de uma cena de gol não pode ser mais prioritário do que garantir o acesso ao Google dos jovens de escola pública.
- A internet dentro das favelas vai viabilizar, por exemplo, acesso a livros digitais, uma vez que as bibliotecas públicas, com livros impressos, não estão nas comunidades, mas somente nos bairros centrais das cidades.
- E está na hora também de começarmos a repensar o SUS para garantir uma saúde pública melhor, com foco na prevenção e mais acessível para todos os moradores das comunidades.
- Nós vivemos hoje uma eclosão de problemas sociais, com graves reflexos nos âmbitos raciais e de gênero. Quando começamos a debater questões de gênero, por exemplo, as mulheres passam a entender porque precisam votar e se empoderar.
- Nossas aspirações precisam prever a construção de um Brasil que inclua não só as mulheres, mas também as mulheres pretas e todos os segmentos LGBTQIA+.
- De qualquer forma, os movimentos sociais acabam mesmo se organizando nesses momentos de caos, como agora. Seria a hora, portanto, de resgatar os anseios dos movimentos de educação popular para pensarmos um futuro melhor.
- Até 2020 ou 2030, por exemplo, temos de agir visando à maior democratização do ensino e do acesso à educação básica. A escola precisa ser algo atrativo para os nossos jovens, como um espaço de transformação – e não como uma prisão!
  - A sociedade precisa compreender que não basta garantir o acesso do jovem à escola. É necessário criar as condições para mantê-los nela.
- E temos de resgatar, por meio da socioeducação, os meninos e as meninas que, digamos, “deram errado”, e foram excluídos dos benefícios das políticas públicas e mesmo de uma formação familiar mais adequada.
- De certa forma, são os jovens que estão trazendo, hoje em dia, essas pautas para o debate na sociedade, buscando uma nova forma de pensar o mundo. Não que o pensamento dos adultos seja arcaico ou menos

eficaz. Mas são os jovens que estão buscando essa maneira transformadora de pensar e de refletir sobre o futuro.

- Quando pensamos na construção de um Brasil melhor, não tem como deixar de trazer o combate ao racismo para o centro do debate, pois esse é um desafio mundial de todos que aspiram a uma sociedade melhor.
- Juntamente com a questão racial vem a social. Afinal, quando se fala de violência contra as pessoas mais pobres, sabemos que, em sua maioria, se trata das pessoas pretas. Assim como, quando se fala da violência contra as mulheres, sabemos que estamos, em larga proporção, referindo-nos às mulheres pretas.
- Não adianta quereremos ensinar o que é racismo ambiental para um favelado que ainda não entende este conceito e que não teve, por exemplo, acesso a uma universidade para compreender exatamente o que é isso. Ele precisa saber com clareza o porquê de os pretos estarem sempre aglomerados dentro das favelas e não num ambiente saudável e com acesso ao saneamento básico.
- Para podermos sonhar com um país melhor, temos de assumir, como premissa, as contas em aberto que temos com o nosso passado escravocrata. Então, qualquer iniciativa que tenha como desafio repensar o país na perspectiva do desenvolvimento e da prosperidade precisa assumir as consequências do racismo estrutural presente em nossa sociedade.
- Enfim, em todos esses abismos das desigualdades, a questão racial se transforma nesta questão social. Temos, portanto, de promover mudanças nas estruturas institucionais do país para conseguirmos avançar, sempre incluindo as questões de gênero e de sexualidade.
- Essas são algumas das bases para buscarmos um país mais justo e mais igualitário em 2030, que é o que todos nós queremos. Mas para, de fato, conquistarmos isso, precisamos colocar o dedo na ferida.
- E não se trata de reinventar a roda – trata-se apenas de trabalhar em cima do que já existe e garantir que as ferramentas sejam, de fato, aplicadas e levadas a sério. Nesse ponto, a questão da interseccionalidade torna-se essencial
- Um outro ponto importante é abordar, de forma mais direta, a questão da cultura urbana, pois, de modo geral, ela faz parte da arte mais discriminada nos centros urbanos.
- A partir dessa premissa, temos de refletir sobre as perspectivas das

políticas públicas que precisam ser construídas – com base nas necessidades das comunidades, que foram tornadas invisíveis, assim como dos seus territórios, que se mantêm periféricos.

- Nesse contexto, as empresas têm também um relevante papel institucional como agentes de transformação social e de promoção de bem-estar.
- Muitas vezes, essas organizações estão discutindo, por exemplo, a questão do mundo sustentável, mas faltam a elas a percepção e a consciência de que muitos de seus funcionários não têm acesso nem ao saneamento básico.
- É preciso olhar com a devida importância para a juventude – em especial, as parcelas em conflito com a lei e em cumprimento de medidas socioeducativas –, para que ela possa também atuar como protagonista e agente de mudança.
- Atualmente, é muito difícil pensar no futuro sob o peso implacável do presente e do passado. Vivemos, nos dias de hoje, muitas dificuldades, numa sociedade que traz também um histórico de desigualdade e segregação.
- Olhar para a frente, contudo, pode também nos levar a ter aspirações e esperança de dias melhores. Afinal, estamos vivendo o surgimento de novos padrões sociais, fruto de uma nova tessitura da sociedade brasileira, justamente neste momento crítico do presente e das heranças do passado.
- Precisamos valorizar este novo tecido social a partir dos novos modelos de liderança, com princípios não segregacionistas e territoriais, com valorização dos territórios das comunidades.
- Torna-se fundamental valorizar essa nova inteligência territorial e essa lógica comunitária como força de desenvolvimento, permitindo que esses espaços possam ser apropriados por aqueles que são excluídos dos centros de decisão dos poderes.
- Essas novas lideranças já estão se fazendo presentes nas estruturas do estado, nas estruturas da política e do setor privado. São, portanto, segmentos historicamente marginalizados que estão aparecendo e mostrando a sua força, as suas perspectivas e a sua visão de sociedade.
- Na busca dessa nova liga entre sociedade e Estado, é preciso fazer a reconstrução desses elos por meio da ação do poder público, do terceiro setor e da iniciativa privada.
- Uma das grandes aspirações para 2030 será ver o Brasil voltar a sair do mapa da fome da ONU. Esta seria uma conquista muito bonita de se

acompanhar...

- Um país rico e poderoso como o Brasil não pode deixar a população sem o mínimo para sobreviver e gerar dignidade para as pessoas. Está na hora de fazer prosperar um país diferente, mais inclusivo, menos racista e menos preconceituoso, no qual haja maior mobilidade social e esperança de que é possível sonhar com um amanhã melhor.